



escrita 21

guatá - cultura em movimento

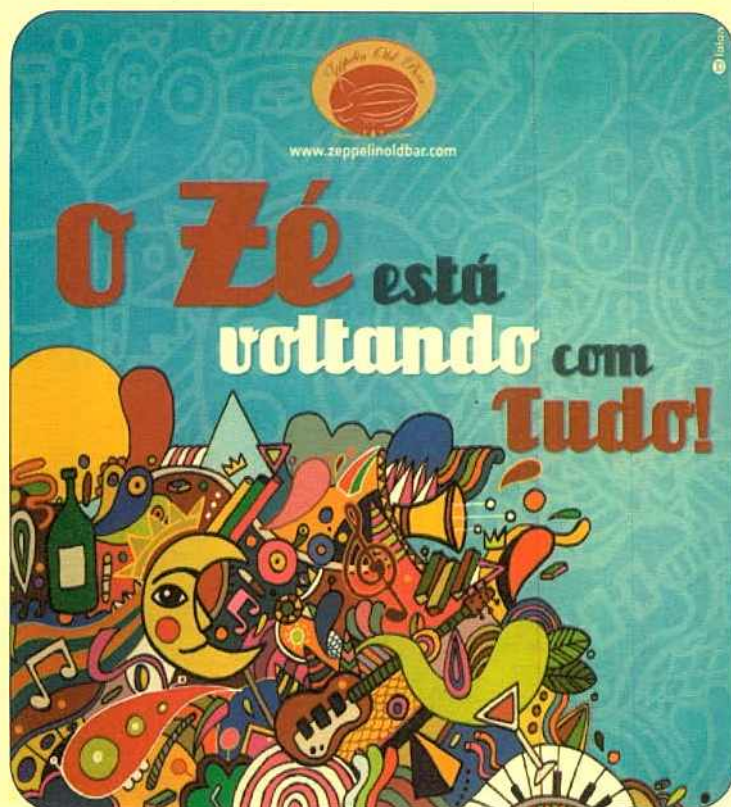
palavra

Ana Cortazzo
Andrea Palmar
Arinha Rocha
Carlos Luz
Cearánews
Emilio de la Vega
Gabriela Arnt
Giovane Losano
Jasmin Gutierrez
Larissa Usanovich
Nilson Monteiro
Raquel Latert
Silvana Souza
Silvio Campana
Sylvia Araujo

olhos

Alexandre Marchetti
Áurea Cunha
Dieguito
Fábio Malikoski
Harry Schinke
Karina Fernandes
Lalan Bessoni
Luis Flávio Trampo
Pablo Conde





City Bier

PETISCARIA



Sabor e descontração
no coração da cidade!

Chopp e cervejas
Bebidas destiladas
Vinhos finos
Drinques e sucos naturais
Petiscos e pratos regionais

De Segunda a Sábado, serviço a la carte, a partir das 16 horas
Aos sábados, almoço com cardápio especial em buffet livre.

Reservas pelos fones: ⁴⁵ **3025.3977** e **9954.3969**
Mal. Deodoro, esq. com Quintino Bocaiúva, CENTRO, Foz do Iguaçu, Pr.

LANÇAMENTO

NET DIGITAL HD

Em 10 ANOS de NET,
FIZEMOS MUITAS COISAS.
EVOLUIR foi uma delas.

- Imagem de Cinema
- Som Dolby Digital 5.1
- Pacote com 115 Canais
- Possibilidade de Gravação de Programação

E Muito +

Instalações disponíveis no Centro, Vila B, AKLP, Polo Centro e partes da Vila Maracanã e Jardim Central.

SEJA um NET DIGITAL
2102-0533 | www.netfoz.tv.br

NET
DIGITAL HD

A (R)EVOLUÇÃO DA SUA TV



Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar o osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos. Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras, dias inteiros fechados no quarto, trancado, a escovar palavras. Logo a turma perguntou: o que eu fazia o dia inteiro trancado naquele quarto? Eu respondi a eles, meio entresonhado, que eu estava escovando palavras. Eles acharam que eu não batia bem. Então eu joguei a escova fora.

Manoel de Barros

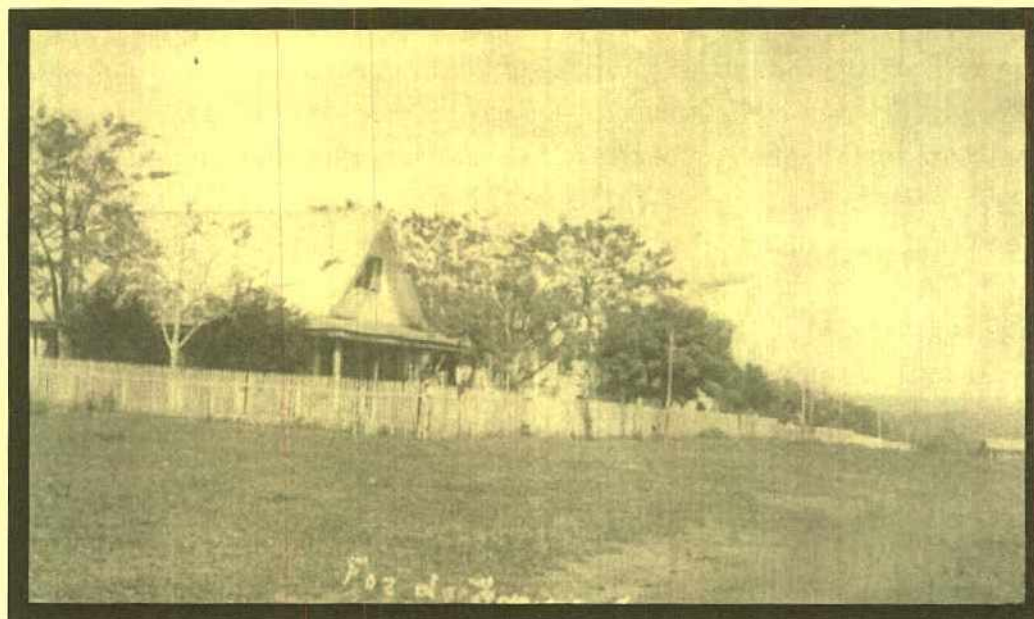


escova



Manoel de Barros, poeta brasileiro.

olhos



memória

Década de 20 do século passado, em Foz do Iguaçu.
Na fotografia atribuída a **Harry Schinke**, a atual avenida Jorge Schimmelpfeng.
Em primeiro plano, a casa do prefeito que deu nome à rua.



escrita 21

- 03 - Tirando de Letra - Manoel de Barros
- 04 - OLHOS - Harry Schinke
- 06 - OLHOS - Fábio Malikoski
- 07 - "O melhor do Mundo", de Cearánews
- 08 - OLHOS - Dieguito
- 09 - Epidemia de Poesia - Haikais de Carlos Luz
- 10 - OLHOS - Alexandre Marchetti
- 11 - "Fora de Linha", de Nilson Monteiro
- 12 - Epidemia de Poesia - Jasmin Gutiérrez
- 13 - OLHOS - Áurea Cunha
- 14 - OLHOS - Lalan Bessoni
- 15 - "A vida é tanto, meu amor", de Sylvia Araújo
- 16 - OLHOS - Paulo Conde
- 18 - Epidemia de Poesia - Emílio de la Vega
- 20 - Olhos&Palavras
Gabriela Arnt, Giovane Losano e Karina Fernandes
- 22 - "Ossos de ofício", de Silvana Souza
- 26 - "La boca húmeda", de Ana Cortazzo
- 27 - OLHOS - Luis Flávio Trampo
- 28 - Olhos&Palavras - Andrea Palmar, Larissa Usanovitch,
Luis Flávio Trampo e Raquel Lautert
- 30 - Um toque, Arinha Rocha



Outro dia, numa dessas idas e vindas do programa Tirando de Letra, enquanto distribuíamos panfletos literários pela rua, fui questionado sobre que sotaque teríamos, já que entre nossos materiais existiam, além daqueles editados em português, textos escritos em espanhol, guarani e até emportunhol. Respondi que éramos um pouco daquilo tudo e ainda assim, mantínhamos nossas próprias identidades.

Escrita é uma publicação da Associação Guatã - Cultura em Movimento, entidade de finalidade artístico cultural, sediada em Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da entidade.

Conselho Editorial: Carlos Luz, Maria Benedita, Paulo Bogler, Richard de Souza e Silvio Campana

Editor: Silvio Campana - Mtb 20572 - 3023/11131.

Revisão: Carmen dos Santos - **Foto da Capa:** Áurea Cunha
Projeto Gráfico: Silvio Campana

Colaboram nesta edição: Alexandre Marchetti, Ana Cortazzo, Andrea Palmar, Arinha Rocha, Áurea Cunha, Carlos Luz, Cearánews, Dieguito, Emílio de la Vega, Fábio Malikoski, Gabriela Arnt, Giovane Losano, Jasmin Gutiérrez, Karina Fernandes, Lalan Bessoni, Larissa Usanovitch, Luis Flávio Trampo, Nilson Monteiro, Paulo Conde, Raquel Lautert, Silvana Souza, Sylvia Araújo

Fotolitos e impressão: Gráfica Ideal. **Tiragem:** 2 mil exemplares

Guatã
cultura em movimento

Visite-nos:

www.guata.com.br

twitter:

[guata_cultura](#)

facebook:

[guata cultura em movimento](#)

Contate-nos:

guata@guata.com.br

Somos assim mesmo em tudo que criamos na Guatã. Esta revista Escrita, por exemplo, tem sotaque, sim. Aliás, muitos sotaques.

Depois de 22 edições reunindo jeitos diferentes de ver e expressar o mundo, é com uma pontinha de orgulho que esclarecemos que a nossa fala já não é possível ser descrita num tom apenas. E que, longe de nos anularmos como sujeitos, isso proporcionou aos que movimentam a cultura nesta trilha e caminhada, ainda mais segurança do que ser. É da diversidade que tiramos autonomia para a nossa própria interpretação daquilo que vivemos e sonhamos.

☀ Silvio Campana

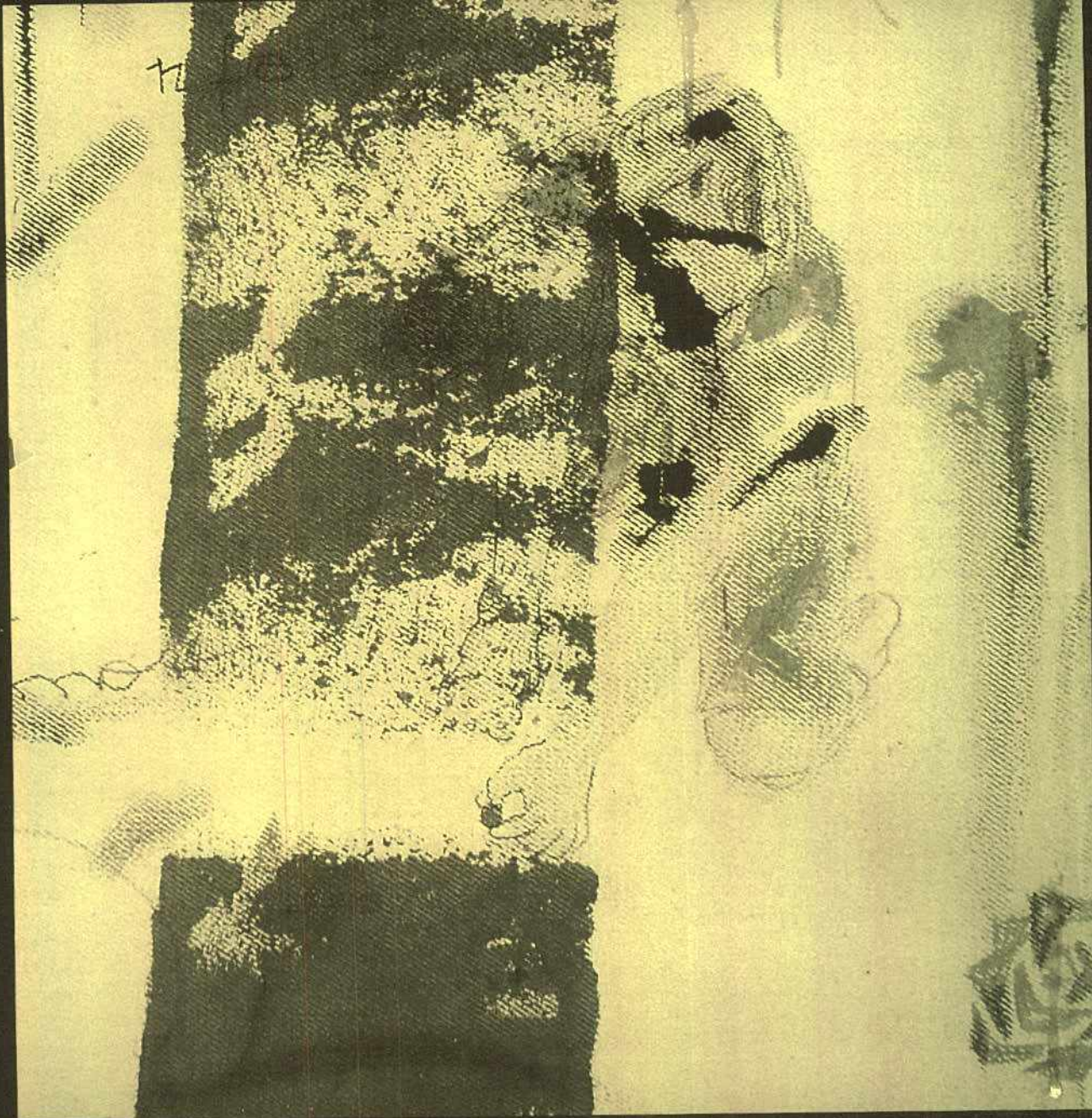
Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

CULTURA VIVA
PONTO DE CULTURA
PULSANDO O BRASIL



escrita 05



menino azul com bolita

Desenho e acrílico sobre tela (original colorido) de Fábio Malikoski.
Fábio é arquiteto e professor em Foz do Iguaçu, Pr.

O melhor do mundo

Feriado nas Três Fronteiras, tarde chuvosa, notícias sem gosto no cenário e uma turma de malucos se esperneavam para aprovar a tese: qual era o melhor time de futebol do mundo. Lá, todos falavam ao mesmo tempo. As conversas eram atropeladas e interrompidas a todo instante por uma informação inédita.

Na roda de conversa quase todos torciam por um grande clube nacional. Cada um defendia a supremacia e o poder de seu clube favorito. Os motivos para justificar a superioridade iam das vitórias até aos argumentos mais furados da existência humana.

O cara da ponta da mesa puxou a conversa para o número de títulos. A gritaria foi tremenda. Um dizia que o seu era penta. O falante da outra ponta gesticulava dizendo que o título foi roubado. A moça do meio inventou um campeonato intergaláctico, que só ela sabia.

O verdinho dizia que o povo do outro lado roubava medalha. Os rosas eram delicados e atropelados nos argumentos. Os rubros não tinham números e se apegavam a paixão nacional, com os mesmos discursos das campanhas publicitárias das cervejas. O povo da estadual formava uma conversa paralela.

Aos nanicos a roda disparava: "Fiquem quietos que o time de vocês nem na TV passa". Como nem tudo que se vê, se fala e se transmite é verdade, lembrei do Ceará Sporting Clube, o vozão. Um time que eu mais vi perder do que ganhar. Sua melhor campanha nacional foi há cerca de 40 anos, quando ficou em terceiro lugar na competição.

Um time que era pra ter a camiseta roxa, por falta de grana, escolheu a camiseta preta e branca. Um time que talvez eu não veja ser campeão nacional. Um time que também lembro com carinho quando vou à lotérica. Lá está a opção para apostar no time do coração. Há anos marco o Ceará Sporting Clube e até agora nada!

Eu ainda acredito em jogadores que vibram ao chutar a bola para a torcida. Daqueles que ainda sorriem ao tirar a bola do adversário. Daqueles que ainda dão bicudo do meio de campo. Tenho centenas de argumentos e uma lente, que só vê um time como o melhor do mundo. Em 2014 ele fará 100 anos, com muitos gols e chutes ao gol e para a torcida. ●



Cearánews é jornalista em Foz do Iguaçu, Pr.



- Cinemas
- Boliche
- Sinuca
- Jogos eletrônicos
- Baby Park
- Lojas
- Praça de Alimentação

Estacionamento coberto e gratuito

Horários de atendimento:

de segunda a sexta, a partir das 17h
sábados, domingos e feriados, a partir das 15h

Avenida das Cataratas, 1118

Vila Yolanda - Fone: (45) 3523 4245

Foz do Iguaçu - Paraná

www.iguassuboulevard.com.br

Áurea Cunha

fotografias



Retratos

Reportagens

Publicidade

Filmsagens

Tratamento e edição
de imagens digitais

Tel: (45) 9977.4490

aureamcunha@yahoo.com.br

MEGAFONE



**Projeto
de comunicação
cidadã**

www.megafone.inf.br

VIVERO

Falls Park

Mudas frutíferas
e ornamentais

**Fones: (45) 3573.1044
e 9124.6802**

Rua Itapemirim, 101
Beverly Falls Park
Foz do Iguaçu - Pr.



contabilidade e assessoria Ltda.

Fone: (45) 3523.5886

e-mail: sigilus@foznet.com.br
Rua Rui Barbosa, 361, Centro
Foz do Iguaçu, Paraná

Mariza Lios

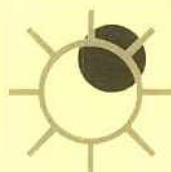
Instituto de Beleza



*Tratamento facial
e corporal*

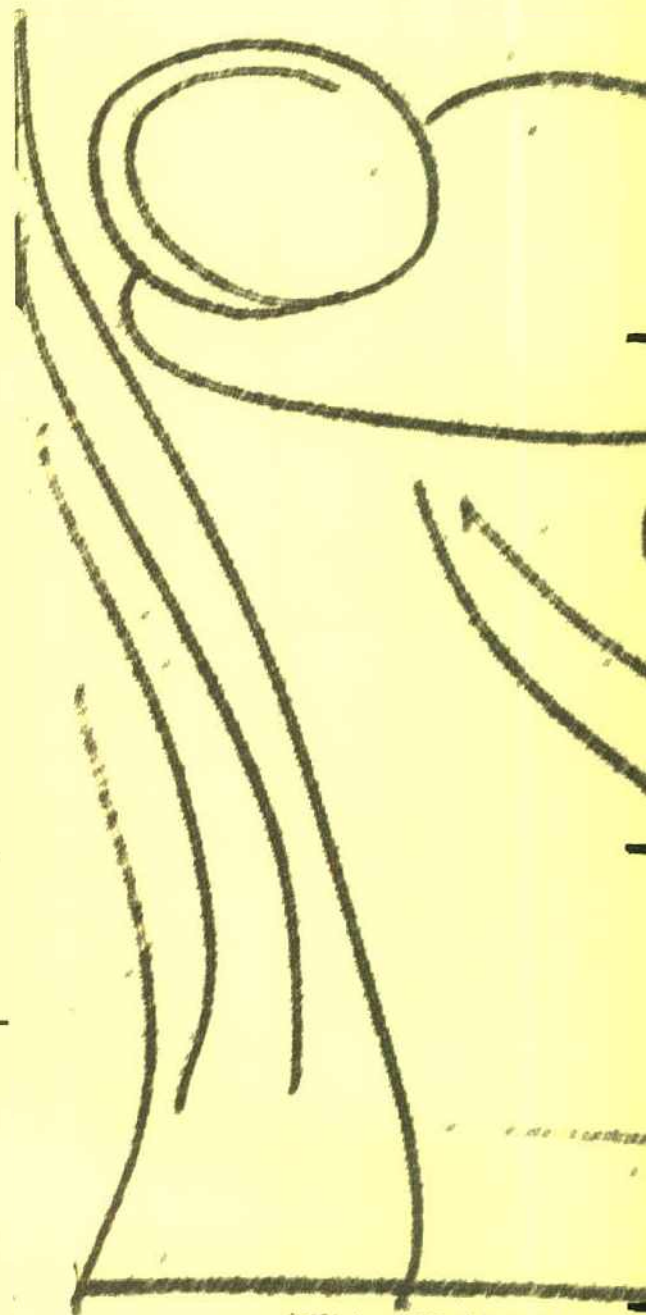
Marque sua hora:
Fone: (45) 3572.6910
Cel: (45) 9967.0295
e 8422.5300

SOLDO



mujer

Desenho de Dieguito,
vendedor ambulante
em Puerto Franco, PY.



10 haicais de carlos luz



**ao teu lado
sou beija-flor
quadro a quadro...**

com que régua
medimos sentimentos
se alguns tendem ao infinito?

**se me olhar
com olhos de menina
meu amanhecer será teu...**

antes que o tempo mude
faz do meu mundo
bolinha de gude...

**quando o amor
se torna fácil
é a morte...**

a cigarra
agarra a tarde
e fica encantada...

**nunca mais
para sempre
por enquanto...**

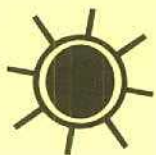
uma flor que cai
se for para sempre
perdeu-se a memória...

**olhar de mel
na luz da lua
um brilho doce...**

quero te ver sob o sol
andando sobre o outono
sobrepondo-se, primaveril...



Carlos Luz é poeta e jornalista em Foz do Iguaçu, Pr.



máquina

Fotografia de Alexandre Marchetti,
jornalista em Foz do Iguaçu, Pr.

Fora de linha

Nova, causou correria, disputa, às vezes brigas, pescoções entre marmanjos. Também entre mulheres, menos frequentemente. Aqui e ali. Passou pelas mãos de negros, brancos, alemães, japoneses, brasileiros, jovens musculosos, veteranos com alguma barriginha e cabelos grisalhos, não escolhia companhia. Mesmo assim, cansou daquela cor anêmica, branquela, cicatrizes pelo corpo, rainha da noite, vista até de longe. Pediu a estilistas, dito especialistas, uma nova tez, quem sabe mais castanha, um brilho diferente. Rodou mundo. Conheceu amantes. Alguns até a acariciavam, idolatravam, beijavam até. Ficava de bico inchado. Perdeu a identidade, perdeu o nome, só lhe chamavam pelo número. Ou apelidos.

Confessara, entre elas, que cansara de ser hostilizada, socos na cara, chutes, agarrões, apanhava mais que mulher de malandro. Mas, será que eram todos malandros, mascarados, travestidos?

Cansou das mesmas casas, fossos, subterrâneos e degraus. Saiu e voltou. Voltou e saiu. Porradas, chutes, socos, pancadas, será que ninguém se importava com a velocidade que vivia pra lá e pra cá, sob riscos? Era a vida, repetiam.

Danada, desviou, traiu, enganou, tomou outro rumo, enviesou, safada, pipocou. Acusavam: ela é cheia de ar, superior, vez ou outra vazia; às vezes rastejara, em outras voara. Bem que gostaria de ter frequentado a grã-finagem, quem sabe outros salões, de tênis, outras luzes, algo mais leve, outra cútis, sentindo-se maior ou menor, que importa?

Sim, cansara, reconhecia. Cansara de berros, gritos, apitos, urros coletivos, barulhos estranhos, alguns avessos à civilidade. Preferia, quem sabe, o silêncio das ruínas, o Coliseu vazio. Cansada, passou boa parte da vida em vestiários lúgubres, as lâmpadas tomates rodeados de moscas. Boa parte solitária, sem socos, pontapés, carícias, sem mãos

correndo céleres por seu corpo todo inflado. Quase morta, quase oca, quase ausente dos músculos, da arte, da multidão, dos olhos e dos lábios, quase distante da vida, quase quase.

Acabou rolando em chãos carecas, para poucos. Os tapetes quase aveludados, um verde quase vivo, viraram lembrança. E ficou ainda mais periférica, pelos fundos, o corpo cada vez mais em pelancas, uma cor parda, depois ainda mais descorada, longe daquela pele branquela cantada em prosa e verso especialmente pelos mais conservadores, preconceituosos até. Velha, nas franjas da cidade, foi dezenas de vezes cruelmente ameaçada: fura, fura esta merda, mete a faca, fura o bucho, ela não serve pra nada.

Nunca entendera, Maria das Dores, o mundo assim tão redondo. E tão bicudo. Encostou-se só, só de dor, só de dor maior, nos fundos do xale, bordado feito rede, muito maior que seu corpo, quietinha. Murcha. ☼



Nilson Monteiro é jornalista e escritor em Curitiba, Pr.

epidemiodepoesia

Jasmin Gutiérrez

Ohasávove Ára kuéra

Ohasávove ára kuéra...nde reikumby sa'ive.
Temiendo ha avaserõ,
jeiko jetu'u...ñeha'ã jave jeiko ava teko porã ramo.

Ohasávove ára kuéra ...naikumbyi
e'a!...nde nahániri avei...repytaite.
Che aha...yvytu oipeju hatã,
che po'i...nde...repytaite.

Teko jeju ha jecho rupi...repytaite.
Rekyhyjépiko...ára kuéra ohasa...ohasa.
Jaha...reho neaño...ára kuéra ohasa,
akyhyje...
Ára kuéra...ohasa.



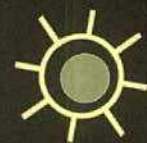
Jazmín Gutiérrez, paraguaia, é estudante
de Letras na Unila, em Foz do Iguaçu, Pr.
Tradução livre da autora para o idioma guarani.

Cuando los días pasan

Cuando los días pasan...vos entendes menos.
Los sentimientos y el ser persona,
cruda realidad...intentando ser normal.

Cuando los días pasan...no entiendo
ah!...vos tampoco...te quedaste.
Yo voy...el viento sopla fuerte,
estoy flaca...vos...te quedaste.

En el vaivén de la vida...te quedaste.
tenes miedo?...los días pasan..pasan.
Vamos...vas solo...los días pasan,
tengo miedo...
Los días...pasan.



olhos



| matinal

Fotografia digital (original colorida), de Áurea Cunha,
fotojornalista em Foz do Iguaçu, Pr.

escrita

13

olhos



olhos



Desenho de Lalan Bessoni,
ilustrador em Foz do Iguaçu, Pr.

14

escrita

(no poço
no fundo do poço
no fim do poço sem fundo
a mola
gasta)

Sylvia
Araujo



A vida é tanto, meu amor...

Você pega o papel amarelado e vazio. Olha ao redor do quarto pelado, perdida no enfrentamento, afogada no próprio umbigo. Por mais que seus olhos secos insistam em dizer que não, eu vejo o tremor da folha entre seus dedos escurecidos pela nicotina. A quarteirões inteiros de distância, eu sei que está histérica, anda neurótica, arrancando os cabelos, a ponto de panfletar banalidades no chá das cinco. Literário, né? Um momento único para trocar impressões sobre obras e sobras do que muito mal sente. Babaquice. Você mente, cínica. Descaradamente. Faz tipo fashion, claudica no salto, maquiagem aos gritos. Bate no peito, se diz bem resolvida, dona de si e do próprio nariz. Tem dó. E o que fazer com as palavras que dançam na sua frente quando a visão embaça? Você sabe, ou vai continuar em branco? Falsa. Pequena burguesa metida a besta, pseudointelectual de merda, é isso que você é. E ainda tem a desfaçatez, sorriso de canto, de dizer a deus e ao mundo que não me quer. No chá. E tomando café, só pra contrariar. Porque você é assim, anda contra a maré pra provar que sabe muito bem o que quer. Mas quando desmonta a armadura, cabelos molhados, cara limpa, pé no chão, é tudo vazio, não é, não? Eu abri as cortinas, te apontei o silêncio, você pôs pra tocar um lançamento irlandês. Eu dancei nu na sala, de braços abertos, você com o Jabuti do ano pesando entre as mãos. Fiz massa com o manjerição do canteiro, mas a sua dieta dura o mês inteiro - pra entrar naquele vestido apertado que pagou uma baba, sem nem te caber. Eu tentei fazer com que você enxergasse a imensidão do quase nada. Me esforcei pra que percebesse que o vazio é um vaso cheio. A vida é tanto, meu amor. Mas você - a tempo, ainda - é pouco demais pra mim.



Sylvia Araujo é sonhadora e blogueira no Rio de Janeiro, RJ.
Blog da autora: <http://abundante-mente.blogspot.com.br>

olhos

persona



de pablo conde



Pablo Conde é ilustrador em Pelotas, RS

Europa ha cerrado sus puertas formidables
a los africanos, a los hindús,
a los sudacas andinos y amazónicos,
a esas huestes desarrapadas que buscan un presente.

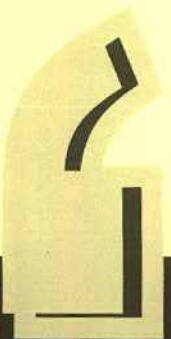
Resultan un espectáculo
poco edificante para la majestad posmoderna francesa,
italiana, alemana, británica, portuguesa, española.
Se han parapetado y vigilan agresivos sus porosas fronteras.

Decidieron olvidar, justo ahora,
los buques de oro,
de esclavos,
de maderas preciosas,
de diamantes,
los buques de horror
que modelaron sus mansiones.

No recuerdan las cacerías de niños y
mujeres y hombres en Costa de Marfil,
en las orillas azuladas de Angola,
de Mozambique y el Congo.

Están tomando drogas,
barbitúricos poderosos
para borrar del recuerdo
los billetes recibidos por cada
oreja patagónica,
por cada niña flagelada
en las selvas calientes del caucho.

Pobre Europa



Emilio Fernández de la Vega

epidemia

No obstante llenan foros,
escriben libros, condenan, gesticulan
fervientes en defensa de los derechos humanos.

Los miserables del mundo comprendieron
y ya no tocan a sus puertas.
Saben que no son deseados ni siquiera
para limpiar carros en la rue du Partenón
o vender bisutería, una leve pluma de Carcará
a orillas del Tiber, a los metálicos pies de la Torre Eiffel,
a cien cuabras del palacio de Buckingham.

Se introducen
entre las fisuras como las hormigas,
como insectos en busca de pan,
de abrigo, de vida.

No le cambian su nombre a París,
a Milán, a Frankfurt.
No reclaman sus obras al museo de Hamburgo,
no se llevan los bronce de Benin del museo británico,
no cargan contra los palacios
ni esclavizan a los suecos para recoger la coca andina.

Aun así no los desean.
El corazón de Europa no tiene espacio para semejante ralea.
No bastan la ética de Goethe,
la lírica de Shakespeare,
el candor masacrado de Lorca
para asignarles unos papeles, un humilde trabajo, un techo.



Emilio Fernández de la Vega é cubano.
Escritor e ensaísta, mora nos EUA.

depoesia

Vista esta camisa!



**camisetas poéticas
da guatá**

Pedidos pelo email:
guata@guata.com.br



lalan bessoni

**ILUSTRAÇÃO
& DESIGN GRÁFICO**

www.flickr.com/lalanbessoni
lalanbessoni@gmail.com

olhos&palavras



De **Karina Fernandes**, estudante
de Economia na Unila, em Foz do Iguaçu, Pr.

8 de março, São Paulo

Mais um 8 de março...
Sol a pino, praça cheia,
Faixas a postos, panfletos na mão,
Palanque disputado,
mulheres e homens agitados.

Encontros com companheiras...
Sol a pino, praça mais cheia,
Discussões políticas, gritos eufóricos,
Marcha a começar.

Manifestação no seu auge,
Sol a pino, rua tomada,
Olhares de reprovação,
Opiniões divergentes...

- Menina, pra que me entregar isso?
Você não tem o que fazer?
Palavras chocantes,
tentativa de transformação na mão..

- Só estuda? É por isso então,
quando tiver família para criar
quero ver se vai continuar badernando...
Pensamento clássico,
reprodução do discurso de submissão.

Continuação da luta...
Sol a pino, Praça da República lotada,
Marcha a se acabar,
Novos contatos,
novas tentativas, novas ideias...

Apesar de tudo,
ainda sigo convicta este caminho,
mesmo sob este sol a pino.

O Precisar

O precisar é a inconstância do querer
Que, mesmo forte, cai em espasmos convulsivos.
É a possibilidade da fraqueza,
O ânimo dos quereres enterrados.

Não basta o lúdico prazer dos sentidos,
É preciso a fonte da sede insaciável.
É preciso o desespero das horas infindas,
A agonia do momento impreciso.

É preciso, tão somente, os segundos
eternos entre as respostas.
As pausas inseguras e os silêncios inacabados.
A antítese do doce e do amargo.

É necessária a amplidão agonizante
do perfeito imperfeito firmamento.
Necessária, ainda, a desestrutura do que é estável.
A simples necessidade do precisar.

|
Gabriela Arnt



Gabriela [Billie] Arnt
e Giovane Lozano são estudantes
de Ciências Sociais na Unioeste, em Toledo, Pr.

Ando

Ando engatinhando, aprendendo;
Andando me esbarrando, segurando;
Ando firme, fixado;
Andando sem rumo, sonhando;
Ando cansado, sorrindo;
Andando por aí, perdido;
Ando andando para te encontrar.
Aprendendo a engatinhar para andar;
Segurando para não esbarrar;
Fixado firme para te olhar;
Sonhando para procurar um rumo;
Sorrindo para não estar cansado;
Perdido para me encontrar por aí;
Te encontro andando.

|
Giovane Lozano



Ossos de ofício

Foz do Iguaçu é uma cidade que recebe inúmeras famílias, de diversas partes do país e do mundo, que para lá vão, em geral por motivo de trabalho. Essa é a história de uma dessas famílias, que se mudou para Foz em função das duas filhas e genro, funcionários públicos.

Apenas dois anos depois o pai das moças acabou morrendo na cidade e foi enterrado em um túmulo de gaveta no Cemitério São João Batista, e a viúva, um tanto inconformada com o enterro do marido em uma cidade na qual ele morava há pouco tempo, sempre pensou em tirar seus restos mortais daquela cidade, pretendendo levá-los para a cidadezinha do norte do Paraná, da qual vieram.

Depois de mais de dez anos residindo em Foz o marido da filha mais velha foi transferido para a capital e a mãe, agora viúva, foi junto. Dez anos depois foi a filha mais nova que foi embora da cidade, também por motivo de trabalho,

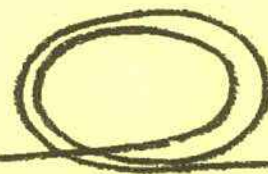
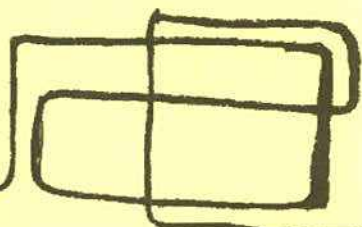
e aí é que começa a história, digo, a encrenca.

Como mais nenhum membro da família estaria morando em Foz, ninguém tirava da cabeça da viúva que era necessário transferir os restos mortais do marido para outro lugar. O desejo da mudança devia-se também ao fato de que há muito tempo os serviços do cemitério de Foz do Iguaçu são terceirizados, e, apesar da família ter comprado (na época da morte do patriarca) os direitos de uso da tal gaveta onde foi enterrado, havia e há ainda uma taxa de manutenção do cemitério, a qual, se não paga por três anos, dá o direito de a empresa que explora esses serviços municipais de desenterrar o morto e mandar seus restos para o ossário municipal.

A possibilidade de isso ocorrer aterrorizava a viúva, e nada adiantou o argumento de que dava para pagar isso de longe, autorizar débito automático em conta bancária, etc.

Sendo assim, a mãe encarregou a filha mais nova de providenciar o desenterro dos restos do pai antes de ir embora de Foz, levando-os para a sua nova moradia: o cemitério municipal de Cambira, uma cidadezinha na qual moraram por muitos anos, e onde não há taxas anuais de manutenção do cemitério, o que garantiria o descanso eterno do falecido, mesmo depois que a viúva e as filhas morressem, situação inevitável e, na qual, é óbvio, ficariam impedidas de continuar pagando a malfadada taxa anual existente no cemitério da terra das Cataratas.

O que parecia uma tarefa simples começou a complicar para a filha incumbida da tarefa do desenterro do pai: em primeiro lugar era preciso vender a gaveta para comprar o túmulo no cemitério da cidadezinha para onde iriam os restos do pai. Mas, como vender a gaveta estando ela ainda ocupada?



Como o ex companheiro dela trabalhava na prefeitura municipal, precisamente na central de luto, foi lhe pedir ajuda, o que obteve prontamente. E, considerando a informação de que a ex só poderia fazer a viagem para Cambira para levar os ossos daí a 15 dias, aproveitando que teria mesmo de ir para as festas de fim de ano em família, ele e seu chefe sugeriram fazer o desenterro imediatamente, com o objetivo de esvaziar o túmulo para facilitar a venda, guardando até o dia da viagem os restos mortais em uma urna funerária apropriada para isso (na verdade uma caixa cuja dimensão permitisse acomodar o conjunto de ossos de um humano adulto).

Convencida de que a proposta era boa, o primeiro passo seria conseguir a tal caixa, que era vendida pelas funerárias por 360 reais! Considerando o valor abusivo, a filha foi procurar alternativas na "ponte", região da cidade próxima à Ponte da Amizade, que concentra lojas

com tradição de comércio popular. Dito e feito, achou uma caixa que, apesar de as medidas não serem exatamente as mesmas da oferecida pela funerária, custou pouco mais 40 reais! E como a diferença de tamanho da caixa lhe parecia ser para maior, saiu da loja satisfeita, pensando:

— Onde já se viu? 360 reais por uma caixa!!!

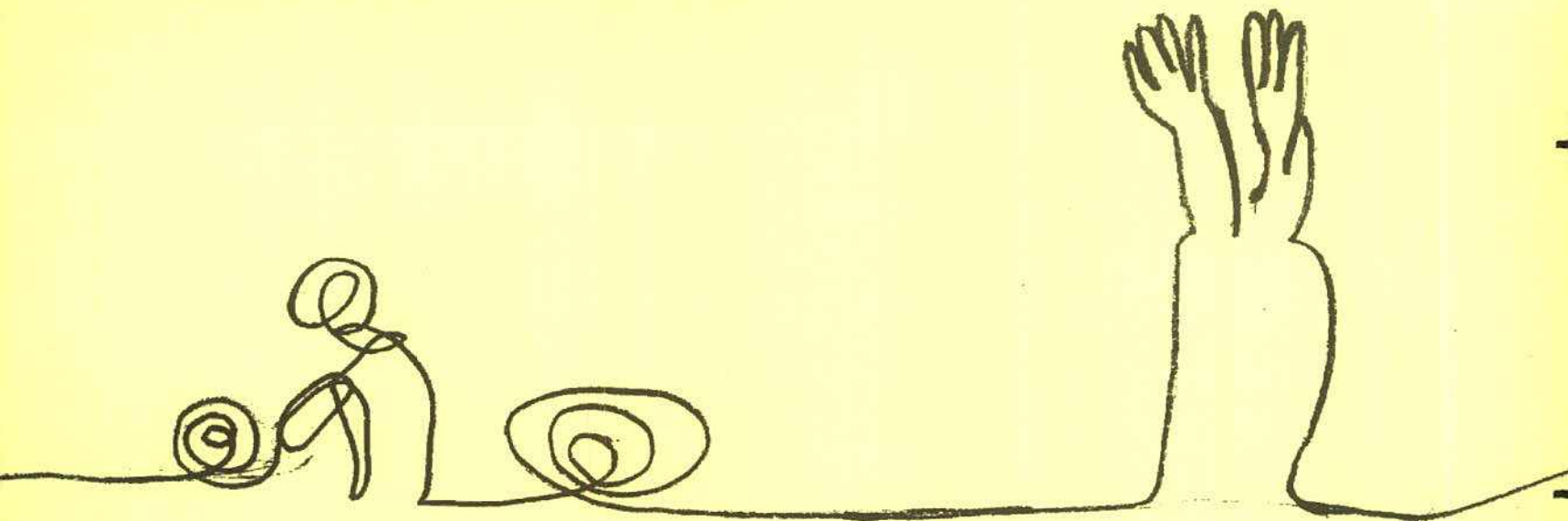
De volta ao cemitério e com a caixa nas mãos agendou para o dia seguinte o desenterro. Chegado o momento, lá estava ela, pois é exigência legal que um membro da família do morto acompanhe a realização do serviço. E foi aí que a coisa complicou.

Depois de aberto o caixão, os funcionários do cemitério têm de colocar os ossos na caixa, mas isso não pode ser feito de forma desleixada, não dá para despejar, como se faz com, sei lá, um balde de entulhos. A tradição exige que haja certo respeito para com o morto e com o

membro de sua família, ali presente. Enfim, é preciso considerar o ritualismo, por meio de uma postura respeitosa dos valores cristãos, pois as inscrições na gaveta sugeriam essa filiação religiosa do morto e os funcionários devem ter suposto que também dos parentes vivos.

Imagine quantos ossinhos há, só nas mãos, por exemplo! E, pacientemente, os dois funcionários iam transpondo os ossos um a um, mas os restos do terno do morto atrapalhavam demais a realização da tarefa. Foi aí que o trabalhador que parecia chefe do outro pegou a calça e a chacoalhou para tirar de dentro os ossos e depois fez o mesmo com o que parecia os restos do paletó, da camisa e da gravata, de uma vez só, pois a paciência inicial parecia agora se esvaír progressivamente a cada segundo.

O fêmur, sabidamente o osso mais longo do corpo humano, só entrou atravessado na caixa, que, na verdade, tinha altura maior e comprimento menor



do que daquela vendida pela funerária. O funcionário do cemitério teve de dar uma forçadinha, retirou alguns ossos do saco plástico que estava assentado dentro da caixa, colocou de novo em outra ordem, rearranjou outros, com o cotovelo forçou a tampa que não estava fechando direito e, quando pareceu que os fêmures iam se quebrar..., ufa, coube.

A alegria tomou a face da filha, que julgou estar tudo resolvido. A caixa foi lacrada apenas formalmente, pois, como não era do modelo padrão, tinha duas aberturas laterais que serviam como alça e que não tinha como fechar direito; os documentos de transporte lhe foram entregues pela administradora do cemitério; e agora a gaveta estava vazia, para, enfim, ser vendida. Mas havia algo que ela não tinha pensado: onde colocar a caixa até o dia da viagem? Na sua casa? E ficar olhando para aquilo por quinze dias! Mas deixar no carro e ter de andar com aquilo por toda parte por duas

semanas lhe parecia ainda pior. Já pensou se sofresse uma batida na traseira do carro? Os ossos do pai iriam se esparramar para todo lado... E para juntar depois? E como explicar para o policial?

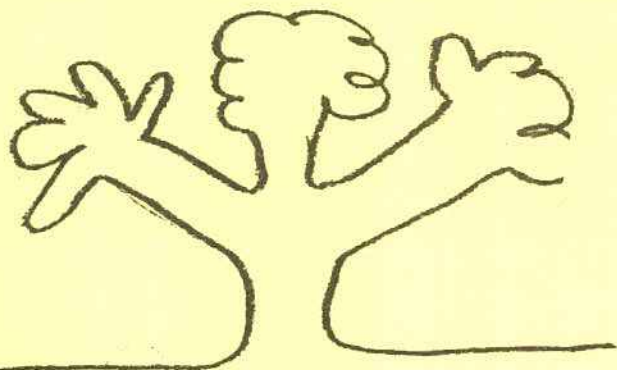
Não, diante de tantos riscos e, considerando que no prédio onde morava havia armários nas garagens de cada apartamento, decidiu que a caixa iria ficar lá por duas semanas. Mas achou melhor não informar a síndica, criando para si mesma o argumento de que afinal o conteúdo colocado nos armários é problema de cada morador e não precisa necessariamente ser informado à administradora do condomínio. E de novo lhe veio na cabeça uma série de conjecturas: mas, e se alguém mexesse ali? Uma criança, talvez... Como era um lugar aberto, e se viessem ratos e entrassem pelas tais aberturas laterais da caixa? Não bastasse tudo isso, nesse momento a consciência começou a lhe pesar por ter feito economia com uma

única e última despesa com o pai morto, pois essa preocupação com a possível e inconveniente “visita” dos ratos só existia por não ter comprado a caixa de 360 reais.

Toda manhã, quando se dirigia para a garagem havia a tensão acerca da possibilidade de ser surpreendida por ossos pelo chão. Por via das dúvidas antes de sair ela dava uma olhada embaixo do carro e no entorno. Mas enfim chegou o dia da viagem, que foi super tranquila e chegaram ao cemitério cambirense ela, a filha e a caixa, onde o restante da família as esperava.

A viúva perguntou se transcorreu tudo certo e sua filha, com um sorriso meio amarelo, e após pensar rapidamente no enterro, no desenterro e agora no reenterro do pai, respondeu que sim apenas com um movimento com a cabeça.

O que a filha não podia imaginar é que, por se tratar de reenterro, o túmulo já estava pronto, fechado, bonito, havendo apenas uma abertura lateral por onde e



entraria a caixa. Mas o pior é que a maldita caixa comprada na “ponte”, que era mais alta do que a do modelo padrão, obviamente não entrou naquela abertura.

O coveiro, ao ver o tamanho da caixa resmungou algumas palavras, atribuindo a culpa ao imbecil que colocou os ossos em uma caixa fora do padrão, julgando de incompetente os funcionários do cemitério de Foz. A filha emudeceu.

O coveiro pegou uma picareta e pediu permissão à família para quebrar o granito da lateral do túmulo, para fazer caber a caixa. A autorização foi imediata, pois não havia outro meio. O serviço foi feito e o resultado foi que aquela lateral do túmulo ficou toda remendada. E era isso ou seria necessário refazer todo o

túmulo, tirando a pedra de cima para refazer as laterais.

O pior é que no ano seguinte a filha mais nova acabou voltando a morar em Foz do Iguaçu, pois nem chegou a assumir o concurso que tinha feito em uma conceituada universidade em São Paulo, que se revelou uma tremenda “furada”.

A lição que ela tirou de tudo isso?

Melhor cremar os mortos. Mas se não tiver jeito e se eles estiverem enterrados, deixe-os quietos onde estão. Mas se sua mãe for teimosa e você tiver de mexer com algum morto, obedeça as regras estabelecidas, porque tudo no mundo é padronizado e normatizado, e esses padrões são obedecidos em toda parte, inclusive em Cambira...☀



Silvana Aparecida de Souza, cambirensense de criação e iguaçuense de coração, é professora universitária em Foz do Iguaçu, Pr.

VENHA PARA O

Chapa

**Restaurante,
Churrascaria
& Pizzaria**

Aberto aos domingos

TELEFONE

(45) 3027.5906

R. Bartolomeu de Gusmão, 1014
Centro - Foz do Iguaçu, Pr.
restaurantechapa@hotmail.com

Tânia Lima
REPRESENTAÇÕES

- ★ *Recarga de cartuchos e tonner para impressoras*
- ★ *Cartuchos originais e remanufaturados*
- ★ *Manutenção de impressoras*
- ★ *Impressos gráficos*

Fone: (45) 9138.2498
taniaxavierende_lima@hotmail.com
Foz do Iguaçu, Paraná

La boca húmeda

Ya desde que subí al barco, sentía la ansiedad de conocerla. Y fue cuando los primeros edificios de Puerto Madero se asomaron a mi vista, cuando entendí que mi relación con Buenos Aires sería de amor y odio.

Gris. Es una ciudad gris, con muchos vidrios y edificios que lloran en enero por el desagüe de los aires que cuelgan de las ventanas. Gris y ruidosa. Con la locura típica de una gran ciudad, miles de autos, el paso del *subte* bajo la Plaza de Mayo que hace temblar de miedo a la basura que descansa sobre el césped, las líneas de ómnibus de todos los colores y tamaños, las estaciones de tren que entristecen la ciudad en partes, con las bicis en los vagones y el vino en caja caliente que va de mano en mano desde Once hasta Villa Luro. El inevitable murmullo de la multitud de turistas que camina por la peatonal Florida, a los que se suman los grises trajes de la gente que trabaja, incluso en enero. Ciudad gris, ruidosa y húmeda ("lo que mata es la humedad") y se pueden seguir agregando adjetivos, que todos convergen a la misma conclusión: Buenos Aires en enero, no, gracias.

Y a pesar de todo, me atrapó. Mi estadía en la ciudad se extendió más de lo previsto. Me hice adicta a las plazas y parques del barrio Devoto, las tardes de mate y calor, cuando las heladerías de la ciudad (diría que tienden a ser infinitas) se ven repletas de gente indecisa entre tantos sabores, colores y texturas. Me enamoré de San Telmo y La Boca, como buena extranjera que soy, de las calles de adoquines, las ferias de artesanos de los sábados, las milongas sonando detrás de cada cortina, y las *Quilmes* que sudan sobre las mesas redondas en cada esquina.

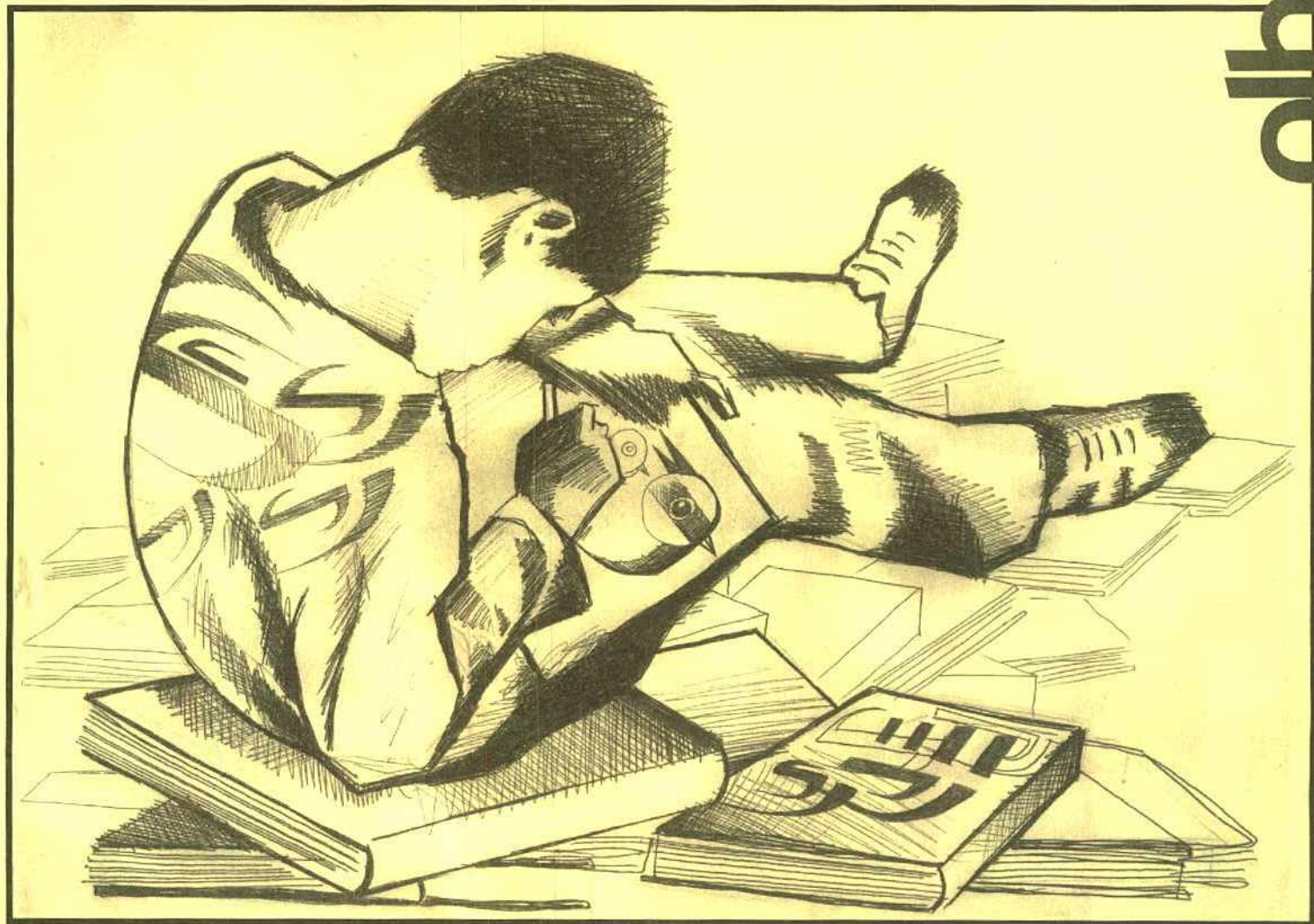
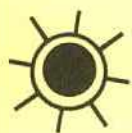
De los bares a la noche, cuando la ciudad que nunca duerme, está más quieta que nunca. De las mil avenidas "más largas del mundo" y "más anchas del mundo". Del estadio de Vélez y la estación de Linniers a las siete de la tarde, cuando me quedaba asombrada del movimiento involuntario de las masas, que a pesar de la humedad (que es lo que mata), camina sin derretirse.

Y soy una enamorada de la ciudad *más fea del mundo*. Y cada vez que vuelvo, la misma sensación de miedo me invade... ¿y si no me quiero ir nunca de Buenos Aires?



Ana Cortazzo, uruguaia, é estudante de Engenharia de Energias Renováveis na Unila, em Foz do Iguaçu, Pr.





ensaio 1

Desenho a lápis de Luis Flávio Trampo,
ilustrador e grafiteiro em Porto Alegre, RS

olhos & palavras

Andrea Palmar

Beijo no copo

Quando ouço a sua voz,
A paz toma conta de mim
Não nego! Me entrego...
Esfrego minha boca no copo que te alcanço
Naquele canto
Me encanto no entanto
Ao pensar que nossas bocas
se encontraram naquele canto do copo.

Desencontros

Você diz que não te amo
Mas na verdade faz falta você olhar por onde eu ando...
Quando caia na real, perceba, tô te circulando.

Afim de ter um olhar seu que me diga, sigo te amando
Carência de ambos os lados, natural quando pensamos...

Mas quando os nossos olhares se tocarem
Perceberemos que essa paz que sentimos
É o fruto do nosso amor intocado
Logo reacionamos, nos amamos.

Miopia

Hoje acordei mais confusa do que ontem.
Porém, já dormi nessa condição.
Os sinais estão quase em um totem.
E mesmo assim me falta a visão.
Aquela visão além do alcance da minha razão.
Só quero deixa fluir a minha paixão.

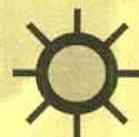
FOTO APLICADA COMO FUNDO DAS PÁGINAS: GRAFITE DE TRAMPO

Raquel Lautert

Tempo

Tempo
Estímulo involuntário
De pétrea continuidade
Oculto em teus preceitos
Indigno e contraditório
Em tua odisséia
Em teu ímpio constante
Ilusão irrecusável
Faminto e voraz
Devora minhas esperanças
Em tua gênese implacável

Tempo
Quando disfarço sanidade
Encorpo eufemismos
Para me sentir distante
Da tua realidade mutável
Pra te gozar, te odiar
De acordo com este meu
Insistente dualismo febril
E enfim, me perder
Estagnada em ti.



ANDREA PALMAR DE ALMEIDA,
advogada, mora em Assunção, PY.
LARISSA USANOVICH,
estudante do ensino fundamental e
RAQUEL LAUTERT,
dona-de-casa, vivem em Foz do Iguaçu, Pr.
LUÍS FLÁVIO TRAMPO
é grafiteiro em Porto Alegre, RS.

Você sabe, você sabe.

Palavra indo com o vento. Memória poupando. Falta de contos.

Falta de vida verdadeira. Mentira indo e mentira vindo.

Escultura é a vida, escultora é a mentira.

Dá em quê o texto todo e a vida toda no final?

Eu não gosto das coisas ditas da boca pra fora. Eu mal gosto de intensidade. Você sabe, você sabe. Só de pensar nessa coisa toda já logo enrugo a testa de tão desagradável. Sempre me interessou mais o que ficava. Meu pai sempre me ensinou assim.

E tô ainda, tentando ver o que mais interessa de verdade. Porque no fim vira tudo em nada. Poeira de chão. Ninguém lembra. E eu odeio isso.

**A dramaturgia de uma figa também vai... mas eu não esqueço.
Você sabe, você sabe.**

Doer também, sentiu sozinha.

Deitada na cama, sem merda de luz nenhuma,
não chorou uma lágrima sequer.

Se doía, inteira, por si mesma, mas não chorava nada.

Abraçava o travesseiro e, de novo, se doía.

Pensava em como adorava vírgulas, e que sabia de pontos finais.

Pensava em meios sorrisos favoritos, e nos mais dolorosos que conhecia. Pensava em como estava cansada, e como era engraçado se ver cansada. E não deixava nunca de pensar no que realmente fazia diferença e em quem fazia diferença. E o ridículo é que o que importava era o final solitário. Uma peça só.

O fim, era, por si e ninguém mais. E quem importava?

Quem queria que tivesse o fim junto.

Tudo bobagem para essa idade.

**A miúda, observava as estrelas,
mas só da janela do seu quarto e deitada em sua cama.**

Impressão colorida laser
Encadernação
Plastificação
Laminação
Crachá
Cópia

**Til
Reprografia**

til@tilreprografia.com.br
3572 8703 | Av. Paraná 960
www.tilreprografia.com.br

SuQtel

FOZ DO IGUAÇU
Rua Quintino Bocaiuva, 653
Telefone: (45) 3572.5272

Rua Xavier da Silva, 649
Telefone: (45) 3523.9101

JOINVILLE - SC
Rua XV de Novembro, 640
Telefone: (47) 3433.4650

BLUMENAU - SC
Rua XV de Novembro, 1422
Telefone: (47) 3336.0975

01102 & b719192

Tomar a vida

Em uma afirmação, o escritor e ator francês *Antonin Artaud* diz que quando nada mais adere à vida, todas as nossas ideias sobre vida precisam ser revistas. O momento em que vivemos sugere esta revisão. Nesta época da técnica e da velocidade, muitas vezes somos tocados pelo delírio gratuito que nos faz acreditar que a vida pode ser instrumentalizada, ou, para usar um termo mais apropriado, coisificada.

Tenho a consciência que através das possibilidades imaginativas e criativas da arte, consegui me apropriar, tomar, possuir a vida. Nessa construção, experimentei realidades e vivenciei experiências diversas, deslocadas do tempo e do espaço de um mundo fortuito. Pela arte, mais especificamente pelo teatro, estabeleci convivências, promovi a coletividade e desenvolvi a alteridade que me faz olhar o outro com respeito e solidariedade.

Assim, acredito que as manifestações artísticas e culturais têm um papel decisivo na humanização do homem. Por sua condição de ser social, que vive em comunidade, que precisa falar e ouvir, trocar sentimentos, desejos e angústias, o homem precisa se juntar e se organizar para poder produzir os bens subjetivos e materiais que o fazem sobreviver. E tudo isso é cultura. Os principais avanços tecnológicos, as grandes invenções são movidas, antes de tudo, por necessidades culturais.

E nesta recriação da vida, como sugere a perturbadora reflexão lançada por *Antonin Artaud*, penso na cultura e na arte como ferramentas capazes de salvar o indivíduo transformado em coisa e torná-lo livre para a plena expressão de ideias, opiniões e manifestações simbólicas que o tornam humano.

Penso na cultura, também, como meio possível para resgatar a condição de gente de cada um de nós, onde o indivíduo possa tomar o destino pelas mãos, operar as mudanças e de participar das grandes transformações necessárias. Apenas assim, o mundo será um espaço melhor para todas as pessoas. ☀



Arinha Rocha é educadora e diretora de teatro em Foz do Iguaçu, Pr.

Você decide? Quem lê IDEIAS, sim.

Mais de 20 mil pessoas leem a revista
Ideias e decidem os rumos do Estado.
Seja uma delas: assine e decida.

PROMOÇÃO ESPECIAL

Assinatura de 1 ano - 12 edições

Desconto de
R\$ 90 25%

Assinatura de 2 anos - 24 edições

Desconto de
R\$ 120 50%

PERFIL DOS LEITORES

Classe



87% Classe A
13% Classe B

Sexo



65% homens
35% mulheres

Cargo



76% têm função diretiva
(Paraná Pesquisas)

IDEIAS
Leia para saber

ASSINE
para saber sempre

Para assinar: 41 3079.9997 / assinatura@revistaideias.com.br



*Uma opção saudável,
pertinho de você!*

Venha provar
e se deliciar!

Tel. (45) 3025-5700

Segunda à sábado:
das 11h às 14h30m

Rua Almirante Barroso, 1466 - Sala 4 - Galeria Viela - Foz - PR

www.sabormaisnatural.com.br

Cardápios elaborados e supervisionados por nutricionista.

ideal
IND. GRÁFICA

45 3523 7176 / 3028 7176

graficaideal@compubras.com.br

Av dos Imigrantes, 81 | Vila Yolanda

Foz do Iguaçu - PR

A arte na cabeça!

City Hair
CABELEIREIROS

AGENDE-SE:

TEL: 3572.1875 / E-mail: cityhaircabeleireiros@hotmail.com

HORÁRIO DE ATENDIMENTO:
DE TERÇA A SÁBADO, DAS 9 ÀS 19 HORAS.

Quintino Bocaiúva, 1102
Centro - Foz do Iguaçu

CORTE MASCULINO E FEMININO

HOMBRE HAIR - PENTEADOS - MAQUIAGEM

DIA DA NOIVA - DEPLAÇÃO - PEDICURE - MANICURE

ESCOVA - ESCOVA PROGRESSIVA E DEFINITIVA - HIDRATAÇÃO

CAUTERIZAÇÃO - LUZES - MECHAS PAPELOTE - CALIFORNIANA

Uma vida Feliz é cheia
de histórias. E de saúde.

Quem faz um plano de saúde Itamed tem à sua disposição a confiança do Hospital Costa Cavalcanti, referência em toda a região. E, além de profissionais altamente especializados e da estrutura mais moderna e completa, dispõe ainda de cobertura para urgências e emergências em todo o Brasil*.

Fique tranquilo para viver as suas melhores histórias.

*Para atendimentos de urgência e emergência pelo sistema Abrange ou reembolso conforme previsto em contrato.



ITAMED

Plano de Saúde do
Hospital Ministro Costa Cavalcanti

Faça um plano Itamed. (45) 3576.8005 | www.itamed.com.br